

# A Paixão do Conde de Fróis

Mário de Carvalho

# 1

Este jovem conde de Fróis era homem de serralhos, de cavalos e de touros, e prezava mais tropelias, estúrdias e solturas que os cuidados do regimento onde fora colocado e que deixava alegremente entregue a sargentos plebeus, devassos e piteireiros. Fazia o conde como outros oficiais o que pouco importava a alguém: o esquadrão não tinha efectivos, os cavalos não tinham arreios, os soldados não tinham armas, as armas não tinham munições, as munições não tinham calibre, os oficiais não tinham nem garbo nem soldo nem tino. Ia-se governando o regimento em Abrantes, do que Deus dava, governava-se o conde na arruinada e não menos garbosa Lisboa, do que lhe dava o pai. E este do que lhe propinava el-rei, poupados lá longe os grossos cabedais.

Uma noite, envolveu-se o conde em rija guerreia, numa dessas quelhas de Lisboa, entre barracões de madeira e muros esboroados. A cena exhibia uma carruagem, um pequeno exército de criados de rua e forte partida de cavaleiros mascarados. Houve tiros, cutiladas, sábios botes de espadachim, corpos trespassados, cabeças fendidas e gilvazes sangrentos. Nada de muito cuidado, não fora a circunstância de dois dos feridos

serem filhos do marquês de Pernes e de os quadrilheiros do rei terem decidido que a festa ficava incompleta sem eles.

O ministro do reino mandou recado ao conde pai, com pouca retórica e prazo escasso: serviço na Índia ou na Marinha? O velho Fróis, num susto, moveu empenhos de validos e cardeais, peitou corregedores e sargentos-mores, correu Seca, Meca e Olivais de Santarém, e lá conseguiu d'el-rei a comutação da pena: que o filho assessorasse o coronel da praça de S. Gens, perdida na raia de Trás-os-Montes, e que por aí ficasse até que Sua Majestade e Oeiras esquecessem a ribaldaria.

Aquele pai, sobre ser prudente e cauteloso, muito afeito a contumélias de corte e enredos palacianos, tinha prosápias de grandeza, arrimadas a uma árvore genealógica de que as raízes se perdiam entre cavaleiros godos façanhudos, lustrosos e remotos. A sabedoria e as cãs não lhe davam para impugnar as decisões do rei e do seu ministro. Mas a jactância nobiliárquica impunha-lhe, em jeito de desagravo, alguma ostentação de riqueza e fausto, não podendo sê-lo de poderio. Não havia ânimo nem apoios para ripostar com uma bofetada física? Conformassem-se as coisas para uma bofetada sem mão.

E ei-lo a chamar o administrador, a decidir a venda de terras e gados, com o fito de fretar um navio que levasse o filho ao Porto e de equipar um esquadrão de cavalaria que o escoltasse e lhe desse luzimento e mérito à categoria.

Iam os negócios e preparos já adiantados quando amigos zelosos vieram advertir o fidalgo. Oeiras não se conformaria com uma entrada triunfal do jovem conde de Fróis no Porto ou em qualquer outra cidade, tirante as em que havia de receber ordens. E soavam os indícios de que já ia tomando como afronta

as despesas com que Fróis preparava a partida do filho. O caso poderia apresentar-se tremido, de novo, se o conde insistisse em transcender a discrição que a situação aconselhava.

E recomendaram-lhe com veemência que, ao menos, desistisse do navio, que pareceria repto desavisado ao poder real, tendo, para mais, pelo estado da frota, de ser angariado no estrangeiro. Fosse o moço pelas charneças, que era escorreito de corpo e passaria bem os incómodos dos caminhos sem estrada. Se não chegava hoje, chegaria outro dia. Nesta conformidade, havendo circunspecção, o esquadrão de cavaleiros não causaria engulhos por aí além, tanto mais que Oeiras queria reorganizar a tropa e tudo quanto viesse à rede era peixe.

Não foi precisa grande insistência, nem apurado esforço de argumentos, para que Fróis reconhecesse a razão onde ela estava. Deu logo ordens ao procurador para suspender as diligências no porto de Plymouth. E, desassossegado com o feito turbulento do filho, deliberou que partisse ele assistido do capelão da família, como factor de morigeração e gravidade, não reincidisse o jovem na estroinice.

O moço conde lá abalou um dia, de sege, acompanhado do capelão, que também tinha cargo de padre-mestre, incumbido pelo pai de lhe dar amparo à alma faceira; do esquadrão de dragões armados e equipados à custa da sua casa, a mostrar que ali seguiam pergaminhos de pendão e caldeira; e de uma chusma de criadagem, alguma dela escrava, para o servir no que tivesse por conveniente.

Logo à saída de Lisboa, velejavam ainda à vista de Xabregas, o conde, num repelão, desarmava a loquacidade do padre,

que procurava, com sábias palavras e mansas, de efeito assegurado, consolá-lo do desterro tristonho:

— Vossa Paternidade com os escolhos da sua vida e dos outros, como lhe cabe por ofício e bondade natural, eu com os meus. E saiba que não hei mister consolos ou apaziguamentos, porque esta punição a tomarei como princípio de vida, como se a tivera ordenado eu. O que nela houver de opróbrio desfarei por meu querer próprio. Desterra-me Sebastião José para S. Gens? Em S. Gens me terá, onde saberei cumprir com o serviço d'el-rei, conforme ao valimento de minha família e ao brio da minha condição.

«Falas bem mas não me aqueças», disse o padre com os seus botões. «Deixa vir mais caminho, que logo te escorre a filáucia.» E foi murmurando, em feição de desculpa, que longe da sua ideia estava importunar Sua Excelência.

Mas, daí por diante, talvez exaurido por aquele esforço retórico, o conde fechou a cara e poucas mais palavras proferiu, salvo as de circunstância, apropriadas a não ser inteiramente descortês.

Lenta correu a viagem, por carreiras lamosas, entre penedias, nas alturas dos desfiladeiros, com águas saltando em baixo. Volta e meia, era o castigo da passagem de córregos e barrancos, com a sege alçada a braço de homem e as intermináveis esperas pelo desembarço das carroças do trem, que raramente se queriam mostrar afeiçoadas àqueles caminhos. Bem tinha o padre sugerido, de conde pai para conde filho, que se fosse de liteira, que era transporte mais veleiro e cómodo em trilhos esquivos e hostis. Mas ambos responderam que o meio era pertinente a marchantes ou morgados de

província e mais valeria marchar a pé, de bordão e cabaça que sarabandeado na pifieza de uma liteira. De sege foram, pois, multiplicando os percalços da carreira que, de si, já não eram poucos.

Sem pressas se iam restaurando os gentis-homens e a tropa nas raras estalagens do percurso, gordurosas e fandangas. Muito bocejou o conde e avonde de terços rezou o padre, sacudidos pelo bamboleio da sege, polvilhados pela poeira de sebes e taludes, assediados de mosquedo pegajoso e vário.

Estavam as horsas do trem a ferrar em Carrazeda, enfadava-se o conde, sempre ensimesmado e poupador de palavras, meditava o padre à mesa redonda da estalagem, quando um sargento, com duas praças, lhes veio trazer a notícia infausta: na antevéspera, o marquês de Lobais, coronel e governador de S. Gens, havia entregado ao Senhor a alma, muito cansada de oitenta e quatro anos de corpo. Houvera *Te Deum*, vieram diáconos até de Espanha. Fora mandado correio a el-rei com duas mudas, e dispusesse agora Sua Excelência o que cumpria, que outro comandante não era representado.

Muito pálido, retorquiu o conde que ali aceitava e ficava a ponderar a novidade, e despachou o sargento com uma dobra de prata e os homens com uma rodada de briol. Mas, depois, deixou-se cismar, largo espaço, ao claror da lareira.

Já o padre se recolhia, com o moço da estalagem a alumiar, de lampião, ainda o conde se perdia, acordado nos sonhos, espevitando vagamente o lume com um ferro comprido. E, à salvação do padre, anotou sombriamente, muito lá das nuvens:

— Apoquentame menos o peso do meu cargo que a porqueira e desatavio destes soldados.

O padre agitou-se em espartina, até desoras, incomodado das sevandijas nocturnas, formadas em legião, ávidas de sangue eclesiástico. E ia parafusando, entre as ferroadas, naquelas cismas, naquele empenho do conde, já obsessivo a seu ver, e no aonde ele levaria. Que recato e reserva eram aqueles, como se ele, padre, fosse um estranho, recém-vindo à família? Que tino e diligência, em matéria de serviço, maiores do que lhe cumpria? Que feitiço novo seria o que queria firmar o jovem?

Mas, não nascera o Sol, estava o conde a pé, importunando toda a gente, que queria partir logo. Não acolheu as recomendações prudentes e ensonadas do padre, nem as escusas logísticas do capitão. O seu destino aguardava-o, a sua praça, as suas responsabilidades: se não estavam ferrados os cavalos, depois se ferravam; se vinha perro o varão do carro maior, encomendasse-se a S. Cristóvão; se faleciam novos mandados de el-rei, um dia chegariam...

Voltou longamente o cortejo às agruras dos caminhos de cabras, por penedias e fraguedos. Não poucas vezes se benzeu o padre, às esconsas, assustado do talhe dos desfiladeiros, desesperando, em íntimos rogos ao Senhor, que o livrasse daquelas aflições.

Chegou, enfim, a última jornada do itinerário, mais alongada do que o previsto, porque o conde escolheu caminhos desviados de Miranda, onde não quis entrar, nem tomar ordens. Arregalou o padre os olhos, calou-o o fidalgo com o semblante carregado e torvo. E remeteu-se o sacerdote ao breviário, deixando as questões para amanhã...

\*